1
Introdução

> Meu olhar vagueia e depara-se com uma antiga fotografia na parede. São meus parentes retratados: a avó, o avô, a mãe... Diferentes gerações unidas no papel fotográfico, que prende o tempo daquela família, minhas raízes. Meu passado posto para ser visto e rememorado por quantos, olhos tiverem de ver.

A educação escolar tem sido fonte de estudos e teses ao longo dos tempos. Instrumento de doutrinação, inculcação e libertação, depende do ponto de vista e das premissas das épocas e dos grupos sociais que pensam e acabam operando sobre ela. Nesse sentido, pensar a educação é nunca assumir uma posição neutra, descompromissada ou inócua.

No Brasil não tem sido diferente. Desde os tempos nos quais a educação escolar vinha sendo exercida primordialmente e, porque não dizer, exclusivamente pelos jesuítas, este campo de lutas e disputas já se mostrava fértil e de difíceis decisões. E assim continuou [e continua] ao longo dos séculos.

Nos tempos imperiais, ainda que houvesse, com Pedro II, um pequeno interesse em ampliar a educação escolar, esse interesse se fortalecia mais por questões políticas e de imagem do Imperador, do que propriamente pelo interesse de educar o povo.

Com a Proclamação da República esse aspecto muda

A pesquisa **Imagens Fotográficas de Professoras: uma trajetória visual do magistério em escolas municipais do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX,** minha tese de doutorado, investigou, através de fotografias, como vem sendo construída e representada a imagem da professora de escolas públicas do município do Rio de Janeiro, fixando-se no período de final do século XIX (1890) e início do século XX (1930), período da História do Brasil também conhecido como Primeira República ou República Velha.

Nas fotografias desse período, busquei pistas e indícios nas mensagens, usos e costumes ali representados sobre a figura da professora primária, do aluno e da ambiência escolar, considerando a fotografia como o texto principal. Apresento um panorama do que estudei: temas, autores, locais e, sobretudo, a iconografia da escola em fotos do período em questão; também norteio o leitor sobre os caminhos que percorri quando da escrita da tese.

O acervo de fotos que utilizei na tese, nas quais há a presença de “professor”, é sempre a professora que está

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410333/CA

presente. Assim, optei por utilizar a terminologia no gênero feminino, entendendo professora como a categoria dos professores.

Para a consecução do objetivo principal o qual descrevi acima, precisei atingir alguns patamares, estações no percurso de investigação, quais sejam: levantar em arquivos iconográficos, registros fotográficos, imagens de professores/ professoras de escolas do município do Rio de Janeiro, públicas e particulares, abrangendo o final do século XIX e primeiras décadas do século XX ; descrever o contexto socio-histórico e o pedagógico do período estabelecido para o estudo; analisar as mensagens veiculadas por essas fotografias, observando-se o texto manifesto e o texto latente contidos nas imagens selecionadas; e também, investigar os valores agregados ao sentido das fotografias que representem o período proposto para estudo, observando-se a relação entre o texto e o contexto das imagens a serem analisadas pela pesquisa proposta. Em uma representação gráfica, fica assim a estrutura primeira da tese:

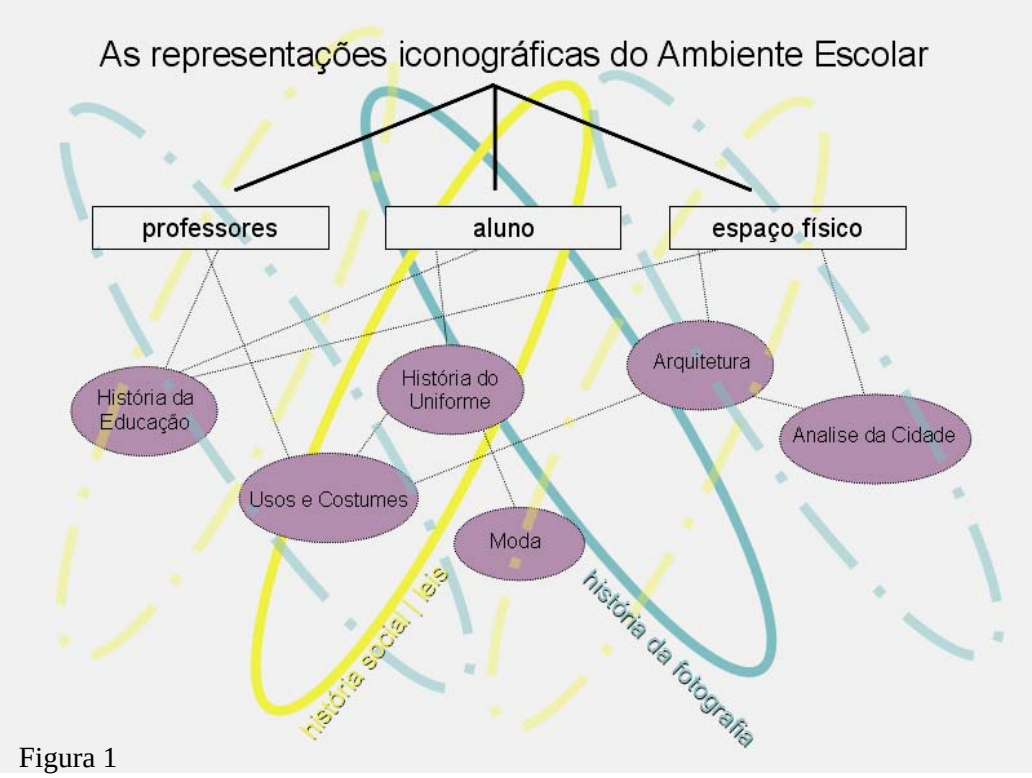


Figura 1
Mapa da representacional da estrutura da tese

Faz-se necessário ressaltar que a tese tem como pano de fundo, aspectos da História Cultural por entender que os objetos do cotidiano – no caso, as fotos-, são tributários de um tempo em que seus usos e costumes contam sobre os modos e maneiras de viver à época. É pelo conhecimento do passado que se pode estabelecer sentidos históricos e entender a função social do presente. Dessa forma, conhecer sobre a escola e seus atores é saber que somos também

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410333/CA

construtores de uma época que se fixa na imagem e nas dobras do tempo dos tempos.

Imagem é comunicação. Desde a Pré-história, pelas marcas deixadas nas paredes, a imagem é objeto de fascínio, de identidade, de mensagem. Na atualidade, em tempos ditos *pós-modernos*, mesmo virtual, criada num espaço-tempo de concretude imaterial, a imagem é tradução de histórias, desejos e sedimentação de símbolos e ícones, modos de ver e de viver.

Dessa *imaterialidade concreta* pode-se trazer à lembrança a história da imagem e como esta vem sendo construída e reconstruída, moldada pelas épocas. Narciso perde-se na própria imagem, mergulhando em busca de si mesmo. A Medusa, destruída por seu próprio reflexo mostrado no escudo do herói. A madrasta de Branca de Neve, convocando os poderes de sua figura refletida no espelho, para fortalecer-se e tornar-se vencedora. Alice, perdida no meio de tantos espelhos, que mostram, a não ser sua figura refletida no meio de tantas *alices*, o devir dela própria, indicando a multiplicidade de caminhos a escolher. O duplo, que em tantas lendas significa a morte de quem o vê, comprometido com a mais convicta certeza de que o fim é inevitável...

Civilização da imagem. Daguerreótipo, fotografia, cinema, televisão. Imagens que cercam a vida de cada um, criando cadeias e tramas imaginárias e reais; intercambiáveis, redundantes e emblemáticas, documentos de vida e trabalho.

Uma imagem nunca é inocente retrato desprovido de significação. É documento sócio-histórico de uma época, de um lugar, de um grupo social, atestado de usos e costumes. É formadora de identidades que se constroem no cotidiano. Partindo desse pressuposto, investigar imagens é construir um discurso visual de um determinado tempo-espaço, com uma história prenhe de significações explícitas, tanto quanto simbólicas.

Sob essa perspectiva, Aumont (1993: 78) sugere que "a produção de imagens jamais é gratuita, e, desde sempre, as imagens foram fabricadas para determinados usos, individuais ou coletivos". Portanto, pode-se conceber uma imagem como instrumento mediador entre o espectador aquele que olha, e a realidade, daquele que a vive enquanto frui. Segundo o autor citado, espectador é "aquele sujeito que olha a imagem, aquele para quem ela é feita" (idem: 14). Complementando essa idéia, é interessante trazer o que diz Vilches[1] (1984, p. 95-96):

[1] Tradução livre do trecho: "se trata del ajuste de um convenio entre dos interlocutores, donde cada uno (emisor y destinatario) es - puede ser - diligente y cuidadoso, tanto em la acción como en el efecto de negociación del texto. [...] esta materia – que es el texto - base de la comunicación de masas no es, de ninguma manera, fortuita o eventual: el autor o emisor prevé las diferentes opciones alas que someterá su producto el lector o detinatrio. (Vilches, 194, p. 95-96).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410333/CA

> [a leitura do texto visual] se trata de um ajuste, de um convênio entre os interlocutores, pelo qual cada um (emissor e destinatário) é – pode ser – diligente e cuidadoso, tanto na ação quanto na negociação do texto. [...]. Esta matéria – que é o texto – base da comunicação de massas não é de maneira nenhuma fortuita ou eventual: o autor ou emissor prevê as diferentes opções a quais submeterá seu produto ao leitor ou destinatário.

Assim sendo, baseando-se nesta idéia de mediação e construção de significados pelas imagens como *mapas* de uma época, o presente trabalho investigou, através de fotografias, como vem sendo construída e representada a imagem da professora de escolas públicas do município do Rio de Janeiro, fixando-se no período de final do século XIX (1890) e início do século XX (até 1930).

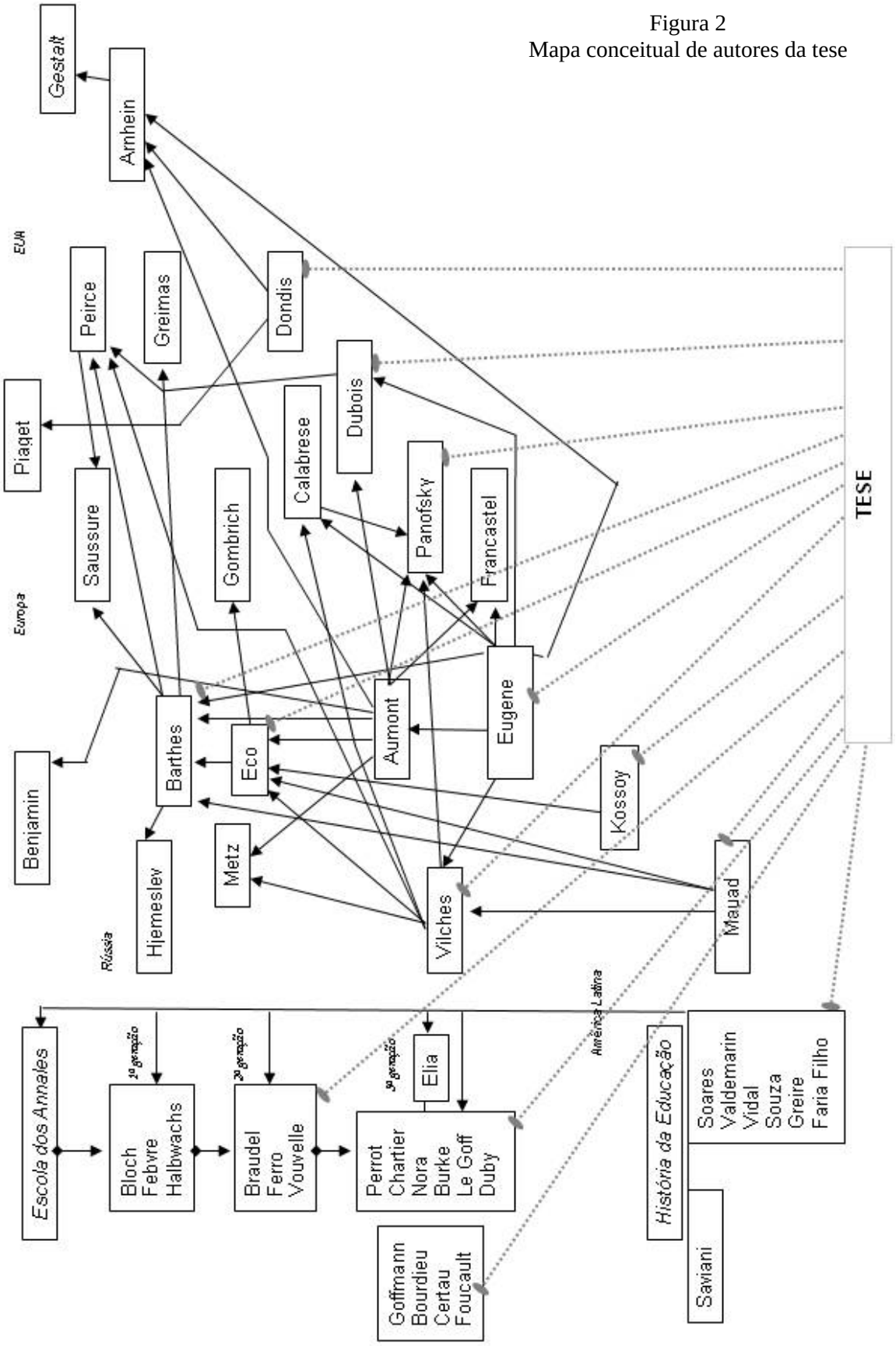
O trabalho seguiu o curso de um estudo histórico-sociológico, e pesquisou nas fotografias desse período mensagens, usos e costumes aí representados sobre a figura da professora primária, no qual o texto principal é a fotografia como *texto visual*, tal qual assinalam alguns autores (Moreira Leite, 2001; Kossoy, 2001, 2002; Aumont, 2000; Mauad, 2004; Samain, 2001; Freund, 1976; Fabris, 1998; entre outros citados ao longo da tese).

A leitura do texto visual empreendida por níveis de aproximação sucessivos foi proposta de Panofsky, Eugeni, Vilches, Dondis, por mim utilizada na aproximação de leitura das fotos da tese. Também foi preciso uma incursão no terreno da semiótica de Barthes para dar um crivo à leitura do texto fotográfico. Porém ressalto que os aspectos da semiótica encontrados na tese são um *amparo* metodológico, uma *ferramenta* pela qual operacionalizei a leitura, não sendo o foco da discussão.

O referencial da História da Educação, da História das Mulheres, da História da cidade me ajudou a estabelecer os marcos pelos quais se introduziram as rupturas e perceber quais as permanências sobre as quais se operavam as mudanças empreendidas ou mesmo pretendidas no Distrito Federal, cidade do Rio de Janeiro. Lendo outros autores, pude identificar algumas correntes de pensamento às quais filio minha tese. Por esses autores, organizei um mapa conceitual das matrizes e das fontes do estudo que ora apresento:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410333/CA

Figura 2
Mapa conceitual de autores da tese



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410333/CA

Mesmo não sendo muito comum, tomei a iniciativa de apresentar nessa seção do trabalho – a introdução – o mapa conceitual de autores. A intenção foi proporcionar ao leitor um panorama dos caminhos e as filiações teóricas da tese, acentuando que a escolha de um referencial inicial se amplia e toma corpo numa busca arqueológica pelo *ponto zero* do pensamento. Mesmo que essa idéia seja apenas uma ambição de pesquisador, ela torna-se importante, pois guia a investigação e ajuda a estabelecer pontos de convergências teóricas, evitando choques desnecessários.

A escolha do período proposto para investigação deveu-se ao fato de que é na República Velha, período demarcado pelos historiadores e consensualmente conhecido também por Primeira República (de 1890 a 1930) que o ideário de um Brasil forte, civilizado se conseguiria pela Ordem e pelo Progresso. E a escola com seus professores seriam também protagonista na construção dessa arquitetura do êxito.

Ao longo dessas décadas a cidade do Rio de Janeiro também sofre extremas mudanças em sua urbanização e distribuição espacial, conseqüência dos novos ventos civilizatórios. A escolha de professoras de escolas públicas do município do Rio de Janeiro se deve ao fato de ter sido este município a capital do país no período das fotos do estudo, qual seja, de 1890 a 1930, tendo abrigado e emanado, então, modas e modos oficiais de conduta profissional para o magistério, assim como para outras profissões, além de, nos dias de hoje, continuar sendo uma cidade-pólo difusora de hábitos e costumes que se divulgam por todo o país. Haja vista que somente em 1960 a capital do país é transferida para Brasília, com a inauguração da obra empreendida no governo do presidente Juscelino Kubitschek. Aliado a esse fato, a escolha da cidade também se deu por razões de exeqüibilidade financeira e por conta de um maior aproveitamento do tempo para a pesquisa das fontes documentais que constam do trabalho.

Dos locais onde busquei o material básico da tese – as fotografias - destaco o Centro de Referência da Escola Pública (E/ CREP) - centro de estudos e pesquisas mantido pela Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro, localizado na antiga Escola Rivadávia Correa, na Avenida Presidente Vargas, Centro do Rio de Janeiro, onde as fotos foram-me gentilmente cedidas digitalizadas em CDRom, aos endereços eletrônicos os quais consultei, pude estabelecer o esquema a seguir:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410333/CA

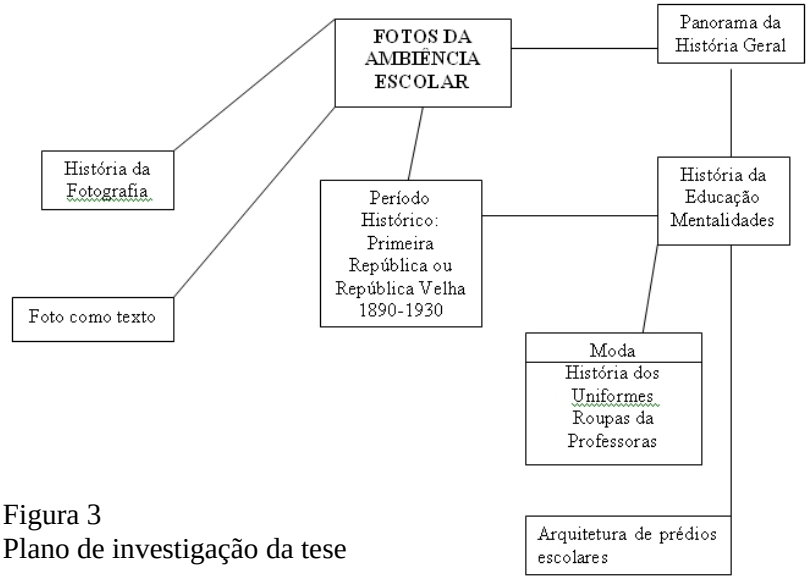


Figura 3
Plano de investigação da tese

Com essa intenção de pesquisa, ao estabelecer como documento e fonte primária a fotografia retratando imagens de professoras, foram pertinentes algumas questões para investigação, tais como: para que e a quem servem ou serviam essas imagens? Qual o tipo de identidade docente/ profissional que se queria construir, quando essas imagens foram tomadas, escolhidas para serem registradas e veiculadas como supostamente ideais? O que se pode supor que estaria oculto/ manifesto no texto e no contexto dessas figuras retratadas? Quais os valores, usos e costumes vivenciados no trabalho docente cotidiano dessas professoras, registrados nessas imagens? O que a História da Educação nos esclarece em relação ao período retratado?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410333/CA

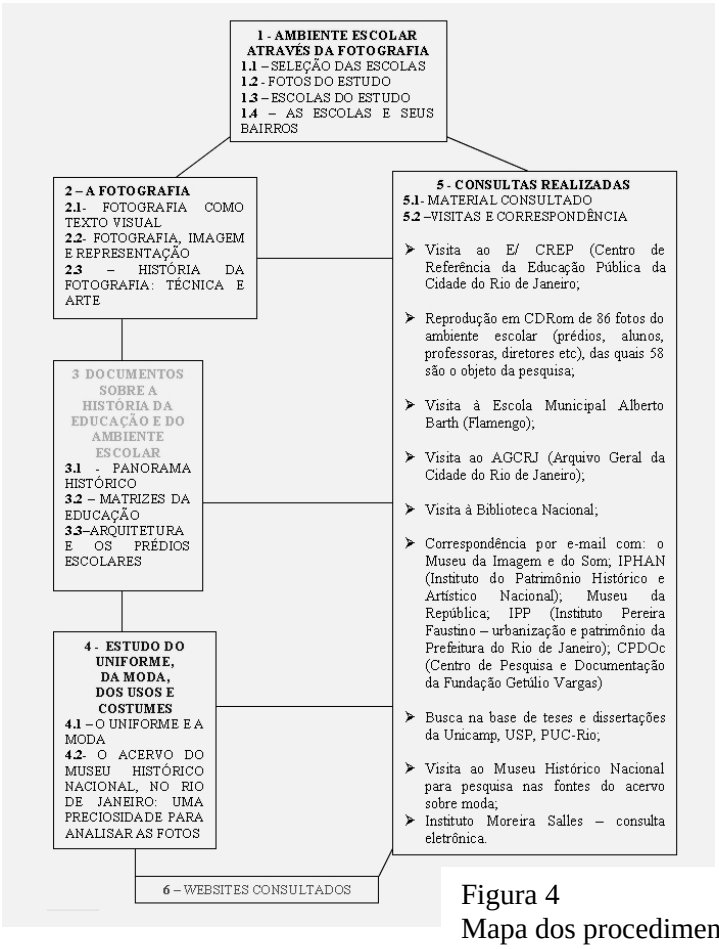


Figura 4
Mapa dos procedimentos da pesquisa

Assim como a gramática, segundo o dicionário, pode ser definida como "conjunto das estruturas lingüísticas próprias de uma língua" (Dicionário da Língua Portuguesa Larousse Cultural, 1992), a leitura visual também tem suas regras próprias. Analisar fotografias de uma época distante impõe desafios e, sobretudo, um desprendimento do pesquisador. A emoção toma conta dos "olhos do pensamento" ao fitar aquelas pessoas ali retratadas, com suas histórias de vida, tramas e relações sociais, mas a razão chama o pesquisador aos instrumentos de uma leitura, para que esta seja a mais ampla possível. Há de se buscar o equilíbrio nessa leitura.

É também consonante à pesquisa o conceito de representação de Roger Chartier, entendendo a fotografia como um bem cultural que denota modos, usos e costumes de uma determinada época. Segundo Chartier (1990, p. 17)

> as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410333/CA

A imagem fotográfica atesta esses projetos, às vezes, não explicitamente ditos, porém consolidados pela imagem que ali se vê. Uma das funções da imagem é a de estabelecer uma relação com o mundo, tentando explicar visualmente, por um discurso não verbal, o lugar que as coisas e as pessoas ocupam.

Chartier (idem, p. 16), fala do lugar da História Cultural, que tem por principal "objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, **dada a ler**. Uma tarefa que supõe vários caminhos" (grifos meus).

Assim é que a leitura das fotos numa concepção de que a foto *é* o texto a se ler, vai apontar o que ressalta o autor: a construção de uma realidade social colada ao que está ali estampada; uma realidade fática, mas que dá ao espectador várias entradas e caminhos por onde trafegar.

Em *Sob o signo da imagem*, tese de doutorado da Professora Ana Maria Mauad (UFF, 1990), através da análise histórico-semiótica a autora, estuda os comportamentos da classe dominante no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX e, para esse fim, utiliza-se da fotografia como texto visual que lhe vai indicando os usos e costumes da época. Para empreender essa análise, Mauad lembra que texto e contexto estarão sempre contemplados e amalgamados na imagem fotográfica, implicando a produção, a fruição por parte do espectador e as condições materiais de sua produção.

Em texto publicado em 2004, a autora sugere uma abordagem para a leitura visual que leve em conta o rigor metodológico. Para tal ela opera com a idéia de série, ou seja, não é conveniente para o pesquisador analisar uma foto isoladamente: há de se buscar na série as permanências, as recorrências, as diferenças, enfim, "pistas" para que se entenda a trama das relações fotografadas em seus usos e costumes, como sempre um texto pertencente a um contexto. Essa discussão foi central em minha tese, inclusive como orientação metodológica quanto à busca de formalização de uma série fotográfica.

O conceito de *alfabetização nas práticas visuais*, de Etienne Samain (2001) foi também fundamental no desenvolvimento de minha tese. Conforme assinalo acima, há de se dominar a gramática da leitura das imagens para que se "decifre" seus códigos. Nesse sentido, Samain é enfático quando chama a atenção sobre as redes de relações que se estabelecem nessa fotografia, dentro de sua visualidade - o tema retratado -, assim como em sua materialidade – o artefato. O autor se surpreende ao perceber que se pode pensar o mundo de muitas maneiras e que todas essas possíveis são singulares. Seu pensamento sobre essa proposição discorre:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410333/CA

> não tenho a certeza de que os filhos de nossos filhos saberão ler e escrever como sabemos fazê-los. [...] Uma coisa é certa: os homens de amanhã enunciarão o universo e organizá-lo-ão com base em outros parâmetros lógicos, gerados pelos novos meios comunicacionais que continuarão esculpindo (Samain, 2000, p. 54).

Em minha tese essa proposição me fez refletir, com a descoberta da fotografia, sobre a inauguração de uma nova maneira de representar o organizar o mundo dentro da civilização da imagem.

Quanto aos aspectos ligados à moda, tomei por base autores que iluminaram o aspecto da indumentária escolar – o uso do uniforme, além de buscar subsídios para o entendimento do vestuário das professoras. Segundo o dicionário Aurélio (s.d.) moda, dentre outros significados, é um "modo passageiro que rege, de acordo com o gosto do momento, a maneira de viver, de vestir" etc. Destaco, da definição acima, o aspecto da regência – a moda determina, coordena usos e costumes no tempo e espaço. Como qualquer outro artefato sociocultural, a moda também é tributária de costumes que refletem ideologias, modos de ser e estar no mundo.

Esse ponto da pesquisa teve como objetivo, no período demarcado por meu estudo (de 1890 a 1930), buscar referências na moda da época para entender as mudanças no vestuário que posso atestar nas fotos. No Rio de Janeiro, o Museu Histórico Nacional (MHN) possui um importante acervo de indumentária de várias épocas, dentre estas, o período de recorte de minha tese, qual seja, de 1890 a 1930. Parte desse acervo não está em exposição permanente e encontra-se guardado e cuidado no setor denominado Reserva Técnica. Fiz contato com a Professora Vera Lima, Curadora de indumentária, museóloga e pesquisadora e professora de História da Moda da Universidade Candido Mendes (RJ), que me explicou o processo de conservação das roupas e objetos enquanto percorríamos o acervo. Há peças de vestuário feminino, masculino e infantil, abrangendo desde os trajes de gala – bastante elegantes, ricamente ornados -, às roupas mais comuns do cotidiano. A coleção feminina abriga vestidos de baile, camisolas, roupas íntimas, sapatos, bolsas, capas, pelerines - capa usada sobre vestido decotado, principalmente à noite, muito comum no século XIX e início do século XX - espartilhos, combinações, anáguas, saias, sapatos, botinhas, bolsas, entre outras peças. A coleção masculina guarda costumes, ternos, bengalas e objetos da moda urbana, assim como as peças infantis, na qual a roupas de bebês e crianças maiores.

Formalizando as referências bibliográficas sobre esse ponto indicadas pela pesquisadora do Museu, para iniciar,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410333/CA

utilizei o texto de Gilda de Mello e Souza, “O Espírito das Roupas” (1987), referência importante quando se trata de discutir o vestuário como bem simbólico, status de pertença aos grupos sociais. Também como referência das discussões, cito a tese de Maria Cristina Volpi Nacif, “Estilo Urbano – um estudo das formas vestimentares das camadas médias urbanas, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX” (UFF, Departamento de História Social, 2000). Nacif abre seu trabalho com a seguinte proposição:

> o estudo das formas vestimentares das diversas camadas da sociedade apresenta e inter-relaciona as condições econômicas e os conhecimentos tecnológicos, os modos de produção, os sistemas de pensamento, organização social e as representações simbólicas da sociedade e dos indivíduos. (Nacif, 2000, resumo).

A dissertação de Mestrado de Maria do Carmo Teixeira Rainho, “Representações da Roupa e da Moda no Rio de Janeiro do século XIX” (PUC-Rio, Departamento de História, 1992), também foi uma fonte de consulta importante para entender a moda como um bem simbólico e signo de pertença.

Foi por essas vias que empreendi a análise das fotografias, entendendo-as como *um* dos possíveis artefatos que pode dar a ler essa trama da qual saiu, sem se descolar dela.

Também estudei nas fotos, o uniforme como insígnia e bem simbólico da ambiência escolar da época de minha tese. Para essa leitura contei também com o livro “História do Uniforme Escolar no Brasil”, de Furio Lonza (2005). O autor com sua equipe de pesquisadores fez um apanhado histórico dos uniformes de colégios tradicionais de São Paulo e Rio de Janeiro, trabalhando a idéia de que essa vestimenta cria identidades, até o século XXI. O livro, com muitas fotos de época foi um apoio à interpretação das fotos do trabalho.

A tese encontra-se assim organizada: além desta introdução, vista como capítulo 1, se segue o capítulo II “Imagem, fotografia: convenções partilhadas”, no qual discuto a imagem fotográfica como testemunho do tempo, apresentando algumas possibilidades de leitura do texto visual.

No capítulo III “Metodologia da tese”, explico os procedimentos de busca do material recolhido, detalhando os procedimentos de análise dos dados, com a elaboração uma ficha catalográfica.

No capítulo IV “A Educação na Primeira República: da obscuridade às ‘luzes’”, problematizo os ideais de civilidade e progresso aliados a uma nova estética para uma nova cidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410333/CA

No capítulo V “Magistério: profissão feminina?”, me pauto na história das mulheres e nas trajetórias da Profissão Docente, além de buscar entender e justificar porque essas professoras foram simbolicamente designadas para serem as construtoras de uma nova ordem.

E no capítulo VI “Análise das fotos”, apresento a análise e discussão dos elementos das fotos selecionadas para o estudo.

Dentre tantos trabalhos que tive a oportunidade de ler e que utilizam-se da fotografia como fonte de pesquisa, poucos são aqueles que a tem como o objeto em si, ou seja, que se propuseram a lê-la como texto visual, buscando uma especificidade nessa leitura. Eles me fizeram perceber a diferença, tênue às vezes, de se lançar mão da fotografia como fonte histórica, que complementa o que se escreve, e de ser a fotografia o texto, precisando o pesquisador criar metodologias que dêem conta da leitura desse texto. Assim, se eu disser que esta ou aquela leitura foram inócuas estarei faltando com a verdade, visto que contribuíram para que eu pensasse meu objeto com mais clareza e precisão, pelo menos em seus limites e possibilidades.

Alguns autores não foram citados mais amiúde, mas foram conformadores do ponto do vista sobre o qual eu escrevo. Parece que impregnei-me de tal forma de suas razões que por eles, acabo falando eu.

Desse modo, estudar imagens, documentos fotográficos da ambiência de escolas públicas do município do Rio de Janeiro, retratos de professoras e suas turmas traz propostas de um novo olhar sobre a construção da identidade docente, assim como as redes onde essa identidade é tecida e se configura, não estando essas imagens alheias aos acontecimentos, nem às ideologias das épocas em que foram produzidas, registradas e veiculadas; assim como, não podem ser analisadas [as imagens] sem estar o espectador do agora impregnado da época em que vive, o que abre caminho para um dialogismo entre o registro e a visão desse observador atual.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410333/CA